

## GLOSSÁRIO DOS NOMES PRÓPRIOS

Os delicados (mas evidentemente potentes) desenhos (nanquim sobre papel de arroz, comprados na China) e as duas telas a óleo que compõem o *Glossário de Nomes Próprios* – espécie de jubileu de 50 anos de Alex Cerveny (nascido em 1963, em São Paulo, o artista pertence a Geração 80, que cada vez mais se compreende de forma multifacetada) – apesar de produzidos recentemente (entre 2013 e 2015), vêm de longa data. Embora afirme que todo seu trabalho (que é basicamente desenho, ou seja, predominantemente apuro e pensamento; e entende-se pensamento aqui como poesia) seja fruto da imaginação e da fantasia (especialmente talvez no sentido lacaniano do termo), sem a utilização de modelos, sem pertencer a um projeto, é a elaboração das vivências (material da memória) que parece intrinsecamente motivar a produção intensamente lírica deste artista-viajante contemporâneo.

Salutarmente singular no contexto da produção das artes visuais no Brasil de hoje, a obra de Alex Cerveny caracteriza-se pela sofisticação e multiplicidade de camadas de leituras e fruições que elas suscita. Marcante para a gênese de *Glossário de Nomes Próprios*, por exemplo, está a viagem que o artista fez a China em outubro de 2013, de onde trouxe todo o material para a série de desenhos e onde, observando os monges-artistas presentes em todo templo, apreendeu a técnica da caligrafia. Pois, para Alex Cerveny, desenho é também escrita; ou uma forma de poesia. Mas antes mesmo desta viagem (uma entre muitas, que, com seus encontros, povoam e revisitam a memória do artista) houve outra (sempre há uma anterior), para Belém (cidade importante na história pessoal de Alex, uma vez que foi numa galeria desta cidade sua primeira exposição individual, e foi em Belém que se formou Valdir Sarubbi, professor que marcou sua obra), onde, num antiquário, comprou um porta-joias de madeira (no sonho de Dora, Freud compreende o porta-joias como uma metáfora do sexo feminino) sobre o qual havia sido acoplado a figura de um bebê entalhado em *boxwood* (*buxus sepervirens*), provavelmente mais antigo (século XVII) e proveniente da Europa Central (de onde originalmente vem um ramo da família do artista) – o bebê, que em tudo lembra um Buda satisfeito, está alegremente brincando com seu pênis. O processo civilizatório, como sabemos, tem seu preço.

Alex Cerveny, homem do vasto vasto mundo, reconhece-se e identifica-se na figura do náufrago, do homem solitário – encurralado em seus desejos e em suas fantasias, que se tornam sua única arma. O homem desejante e recorrente nos desenhos de Alex Cerveny é o protótipo do artista. A pintura é a repetição de padrões e idealizações, cristalizadas como imagens; imaginação e fantasia (e fantasmas). Narrativas, listas que registram encontros, lugares, desejos. O *Glossário de Nomes Próprios* surge também de viagens literárias, como *Os Lusíadas* (os nomes de todos os deuses; os nomes de todos os homens...)... e reza a lenda que Camões, diante do naufrágio, preferiu salvar o manuscrito de seu precioso livro do que a vida da amada... Lista de cidades, de histórias que poderiam ter sido eu que não foram, de encontros que perderam a força, de promessas... que constituem a vida de um homem. Nos magistrais desenhos e pinturas desta exposição, alegre e melancolicamente imaginação e memória se encontram, e pela potência poética dessas imagens nós nos identificamos com e nos unimos ao artista em sua solitária (desesperada) busca e deriva.

## GLOSSARY OF PROPER NAMES

The delicate (but evidently powerful) drawings (ink on rice paper, purchased in China) and the two oil paintings featured in the exhibition *Glossário de Nomes Próprios* [*Glossary of Proper Names*] – a sort of jubilee of the 50th birthday of Alex Cerveny (born in 1963, in São Paulo, the artist belongs to the Geração 80 [80s Generation], which is being increasingly understood in a multifaceted way) – owe their origin to long-ago events and experiences, even though they were produced just recently (between 2013 and 2015). Although he states that all of his work (which is basically drawing, that is, predominantly refinement and thought, thought being understood here as poetry) springs from imagination and fantasy (especially perhaps in the Lacanian sense of the term), without the use of models and apart from any project, it is the elaboration of experiences (the matter of memory) which seems to intrinsically motivate the intensely lyrical production of this contemporary artist-traveler.

Wholesomely singular in the context of the production of visual arts in Brasil nowadays, Alex Cerveny's work is characterized by the sophistication and multiplicity of the layers of readings and spinoffs that it gives rise to. One source of inspiration, for example, for *Glossário de Nomes Próprios*, was a trip that the artist took to China in October 2013, when he obtained the material for the series of drawings, observed the artist-monks present throughout the entire temple, and learned the technique of calligraphy. Because, for Alex Cerveny, drawing is also writing; or a form of poetry. But even before that trip (one among many which, with their encounters, populate and revisit the artist's memory) there was another (there is always another), to Belém (an important city in Alex's personal background, since it was in a gallery there that he held his first solo show, and that city is also where the professor who greatly marked his work, Valdir Sarubbi, received his education). It was furthermore in an antique shop in Belém that he bought a wooden jewel box (in Dora's dream, Freud understands the jewel box as a metaphor for the female genitalia...) which bore an attached image of a baby carved in boxwood (*Buxus sepervirens*), which is probably older (17th century) and originally from Central Europe (from which a branch of the artist's family originated). The baby, who resembles a satisfied Buddha, is happily playing with his penis. The civilizatory process, as we know, has its price.

Alex Cerveny, a man of the vast world, identifies himself with the figure of the castaway, the solitary man – confined in his desires and his fantasies, which become his only weapon. The desiring man who is recurrent in Alex Cerveny's drawings is the prototype of the artist. The painting is the repetition of patterns and idealizations, crystallized as images spun out of imagination and fantasy (or phantasms). Narratives, lists that register encounters, places and desires. *Glossário de Nomes Próprios* also arises from literary travels, such as *Os Lusíadas* (the names of all the gods; the names of all the men...)... and alludes to the legend of how Camões, during a shipwreck, preferred to save the manuscript of his precious book over the life of his lover... A list of cities, of stories that might have been my own but were not, of encounters that were sapped of their energy, of promises... which constitute a man's life. In the masterful drawings and paintings in this exhibition, imagination and memory happily and melancholically are mixed, and through the poetic power of these images we identify ourselves with the artist, joining him in his solitary (desperate) search and process of becoming.